

Educomunicação: uma união de forças¹

Catharina Figueiredo da Silva AROUCA²

Daniela Costa RIBEIRO³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, BA

RESUMO:

Esse trabalho visa demonstrar a importância da educomunicação no sistema escolar atual. Para isso, revê seu conceito, historicidade e vertentes; questiona o porquê da rádio não existir dentro do contexto escolar e discute como instituí-la, baseando-se em estudos de caso de duas escolas de Feira de Santana na Bahia. Argumenta sobre a necessidade da escola aprender a conviver com as linguagens não escolares e com as novas percepções de mundo viabilizadas pela mídia e ressalta que a plataforma radiofônica é uma ferramenta de resistência e empoderamento na formação dos estudantes, propondo uma intervenção de rádio web em uma das escolas estudadas. A revisão bibliográfica com apresentação de estudo de caso foi a metodologia aqui adotada.

Palavras-chave: Educomunicação; Jornalismo; Radioweb; Ecossistemas comunicativos.

1. INTRODUÇÃO

O rádio é uma ferramenta de resistência do povo de baixa condição social. Sua força é convocada sempre que a comunidade escolar se sente injustiçada e não é incomum ser apresentada como uma ferramenta de denúncia externa e forma de efetivação do direito a voz. Ainda assim, é uma realidade terceirizada, ainda soa distante do público escolar, e mesmo que faça parte do cotidiano, não se apresenta como uma arma palpável de levante juvenil.

A proposta desse trabalho é discutir porquê a rádio não existe dentro do contexto escolar e propor formas de instituí-la na dinâmica estudantil, analisando o que produz essa lacuna no estudo da comunicação na Escolas, principalmente nas públicas, e qual a importância da prática radiofônica no cenário escolar. A fim de dessa forma, definir o valor da comunicação para educação e expor a realidade do processo educacional no Brasil atualmente.

Através de pesquisas bibliográficas e estudos de caso de duas escolas de Feira de Santana, na Bahia, busca trazer para o contexto regional a discussão

¹ Trabalho apresentado como requisito parcial e complementar à produção radiofônica, realizada na disciplina de Laboratório de Radiojornalismo II, no semestre letivo de 2017.1.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFRB e 4º semestre de letras com inglês da UNIASSELVI, email: cathyrouca.ufrb@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Mestre do Curso de Jornalismo da UFRB, email: danielacontato@gmail.com

temática proposta, comparando experiência de uma instituição que aplica a educomunicação e de outra, que deseja efetivar esse processo, propondo um plano de ação interventiva nesta, a partir de uma rádio web, para sanar as carências encontradas no processo de estudo.

2. EDUCOMUNICAÇÃO: O QUE É?

A educação é a base do futuro e a sustentação do presente. Necessária a todo ser humano, tende a se adaptar às inovações temporais e se consolidar na comunicação pessoal. A educomunicação é, portanto, obrigatória. Não existe ensino sem troca, e não existe troca sem processo comunicativo.

Essa denominação, entretanto, só foi consolidada a partir da década de 1930, com o surgimento e expansão do rádio, cinema e mais tarde, da televisão. Esse termo, utilizado pela primeira vez em 1999, pelo educador-comunicador Mario Kaplún, estabeleceu a relação como uma necessidade.

Educomunicação é educação e igualmente comunicação, uma vez que a educação é construída por meio da comunicação. Educomunicação é um campo de conhecimento com identidade própria, que surge no espaço comum entre os campos da comunicação e da educação, em que eles se entrecruzam, sobrepondo-se. A comunicação sempre educa e a educomunicação preocupa-se com ela e com a educação, assim como se preocupa com o potencial educativo da comunicação midiática (ALMEIDA, 2016, p.1)

A perspectiva adotada por meio dessa linha de estudo determina a educação como um problema de comunicação, justificado por Ismar de Oliveira Soares (2002) através de três grandes correntes; a moralista, que determina a mídia como vilã na formação de jovens e crianças, causando fortes discussões e ações governamentais na tentativa de prevenir os excessos da mídia; a culturalista, que reconhece um poder de influência midiática na educação infantil, apresentando-a como uma colaboradora na construção dos significados das mensagens; e a dialética, que determina a mídia como fonte de legitimação de poder e construtora de consensos sociais, que requer constante vigilância.

O desenvolvimento da escola perpassa pelo desenvolvimento do mundo, seja ele real ou virtual. A tecnologia e seus avanços são parte da vida humana e devem ser, portanto, aderidos como parte da vida estudantil. E é nessa lógica, que Citteli (2002) afirma que “os processos de ensino e aprendizagem precisam abandonar a concepção linear e entender o conhecimento como processo social e em permanente construção”.

A educomunicação consiste na aproximação entre as mídias e a escola, empoderando o aluno e o impulsionando-o à relação cidadã com o mundo. É uma ferramenta desafiadora para a dinâmica de sala de aula, a formação do estudante e a relação do professor com o mesmo; e se apresenta em diversas vertentes. Seja na educação à distância, na utilização de recursos audiovisuais na sala de aula, na sociabilização de projetos virtualmente, ou até mesmo, na divulgação de aulas virtuais pela plataforma do *youtube*, a educação e a comunicação se unem a de expandir o poder da palavra. Atuando em conjunto, tornam o conhecimento mais amplo e proativo. Afinal, inevitavelmente comunicação e informação caminham lado a lado, e se derem as mãos correrão mais rápido.

2. O RÁDIO NA EDUCOMUNICAÇÃO.

O princípio da comunicação, na escola ou em qualquer outro lugar, é a fala oral. É a partir daí que acontece o primeiro processo comunicativo, o receptor capta a mensagem na voz, ainda que não reconheça as palavras. Ela é aderida ao cotidiano e há uma troca entre os falantes.

A fala tem força e no contexto midiático, através da rádio, consolida-se como uma ferramenta de resistência do povo de baixa condição social. Sua força é convocada sempre que a comunidade escolar se sente injustiçada e não é incomum ouvir *“eu vou na rádio te denunciar!”*. Mas o rádio, no ideal da educomunicação, não deve ser tão longe. Ele deve estar na escola, e ser parte da escola.

O caráter interativo existe desde os primórdios da rádio e só se ampliou com o desenvolvimento da computação. Em um cenário de convergência midiática, o rádio fortalece seu vínculo com o público, abrangendo novas formas de comunicação. Mas seja o tom do locutor ou a intimidade pelas ondas sonoras, algo promove no ouvinte a sensação de companhia. O rádio não é apenas para veiculação de informações, mas para transmitir a voz de quem ouve.

A escola não pode, portanto, desconsiderar a presença marcante do rádio (e das mídias diversas) no cotidiano do aluno, pelo contrário, deve aderi-lo como parte do processo educativo. Algumas escolas brasileiras já tinham essa percepção nas décadas de 80 e 90, trabalhando o rádio na sala de aula com leitura crítica, estudo da linguagem apropriada e produção de programação. Outras vêm construindo essa relação de maneira progressiva, através da

convergência midiática, cria plataformas de educomunicação não só em rádio, mas nas redes sociais diversas e em materiais audiovisuais.

Um exemplo que pode ser citado é o PORVIR, uma iniciativa de comunicação e mobilização social, que cria, amplia, divulga e ensina experiências práticas da educomunicação no Brasil e no mundo. Amplamente divulgado na internet, conta com colaboradores de todo país e abraça as redes sociais: *Facebook, Twitter, YouTube, Google+, Pinterest, Instagram, LinkedIn e Soundcloud*, buscando alcançar o máximo de pessoas para essas vivências.

3. EDUCOMUNICAÇÃO E SUA ÁREA DE ATUAÇÃO

No Brasil, a educomunicação se encontra em fase de expansão. Em São Paulo, experiências como o Programa Nas Ondas do Rádio, criado em 2004, pela secretária municipal, oferece todo material necessário para implantação das rádios escolares e difunde nas várias unidades de ensino essa prática. Assim como a Rádio Bicicleta itinerante, que se tornou o instrumento oficial de divulgação dos grupos de teatro do espaço Centro Cultural Arte e Construção.

Na Bahia, a Evolução Hip Hop rouba a cena no comando de Hamilton de Oliveira, o DJ Branco, oficinairo e arte educador, que apresenta canções do Hip Hop nordestino e discute temas de importância cidadã, promovendo a interação da rádio com as escolas públicas de Salvador.

Em Feira de Santana, segunda maior cidade do estado da Bahia, ainda existe a carência de projetos como isso. A rede particular de ensino apresenta o desejo da implantação da educomunicação e traça os primeiros passos. Mas a rede pública ainda se encontra bem distante dessa realidade. No município conhecido como Princesa do Sertão, as instituições de rede privada já começam a ter esse olhar mais atento para educomunicação, seja por ser proveitoso no contexto de marketing da escola ou pelos benefícios diversos que esta traz à formação estudantil.

Os colégios João Paulo I e Gênese, por exemplo, investem firmemente em profissionais para construir uma sólida assessoria de comunicação. Mas o Colégio Santo Antônio, opta por dispor de um profissional da comunicação diariamente no colégio, a fim de não só divulgar a escola, mas traçar uma vivência educacional.

Com 54 anos de criação, o Colégio Santo Antônio pertence à Ordem de Frades dos Capuchinhos, que também possui centros radiofônicos: Rádio Sociedade de Feira de Santana e Rádio Princesa. Essa relação: Santo Antônio, Rádio Sociedade e Rádio Princesa, facilita e impulsiona o estudo da comunicação no centro de ensino.

A partir disso, era possível a veiculação externa do material radiofônico construído na escola há cerca de um ano atrás. Uma vez no mês, os alunos produziam e editavam materiais que eram difundidos nas rádios parceiras, mediante um contrato firmado com as emissoras. Wanderlei Gabriel⁴, profissional responsável pela comunicação do colégio e acadêmico de comunicação social com ênfase em publicidade e propaganda, afirma que a proposta não era muito profissional e por isso, atualmente a rádio web circula apenas no contexto interno, com músicas no início da aula e intervalo.

As redes sociais também possuem forte atuação na dinâmica do colégio. Através de vídeos e fotos, o Santo Antônio divulga as vivências estudantis. Todos os dias há uma postagem nova, porque a comunicação não deve ser proposta para o extraordinário, mas como parte do cotidiano e decorrer natural da escola. “Eu vejo muito nos outros perfis de colégio que só posta o bonito... Por que não postar uma aula de inglês? Uma coisa comum? Acho que fica meio fake. A gente posta todo dia! Todo projeto é importante.”, afirma Wanderlei.

O comunicador explica que essa dinâmica promove vários benefícios: os pais se sentem mais seguros sabendo o que seus filhos estão fazendo, os estudantes se sentem valorizados e parte do colégio, com esse sentimento de pertença. Além de promover neles o desejo de ser cada vez melhor, intelectualmente e fisicamente, para essa divulgação.

O foco maior da educomunicação no colégio é no recanto, o ensino fundamental 1, visando produzir nas crianças que estão em formação uma maior naturalidade do diálogo com o público. “É nesse momento que a criança tem mais necessidade de aprendizagem, o momento que acontece o primeiro seminário da vida dela, o primeiro contato de se apresentar com o público... E é como uma coisa de narciso né? Você frente a frente ao espelho ou com o celular fica mais fácil de perder a timidez”, explica Wanderlei.

⁴ Entrevista disponível nos apêndices através da plataforma de áudio soundcloud.

Os primeiros seminários no Colégio Santo Antônio são filmados e é notável que esse método promove nos alunos o incentivo para maior dedicação. Cria-se um sentimento de valorização nos estudantes, recebendo apoio e credibilidade, eles buscam se dar mais a proposta, como parte da escola. Pois é essa a proposta da educação, tal como no processo comunicativo: a participação, e “é impossível ensinar participação sem participação”. (FREIRE. 1986, p. 114).

Assim, tanto os alunos quanto o corpo pedagógico são integrados no processo. A rede de professores auxilia e integra a assessoria de comunicação, seja na preparação dos estudantes, quanto no recolhimento de materiais para divulgação. Abraçando a proposta educ comunicativa, os professores sugerem pautas a partir dos eventos realizados em suas aulas, levando fotos, vídeos e as ideias de exercício.

Essa parceria é a motivadora para o projeto futuro do colégio. A ideia é veicular no *youtube* vídeo-aulas conduzidas pelos professores, não apenas para os estudantes da escola, como para o público amplo. A proposta visa incluir o ensino médio na educomunicação, pois esse grupo de alunos ainda tem certo distanciamento devido a falta de tempo causada pela demanda de conteúdo. Ainda assim, são os estudantes do segundo ano de ensino médio que se encarregam da gravação dos VTs dos maiores projetos da escola, como a Olimpíada do Santo Antônio.

O Professor Ismar de Oliveira afirma que é necessário “ampliar as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo.” e é isso que o Colégio Santo Antônio tem buscado e nisso que a educomunicação se sustenta. Ainda que engatinhando nessa linha, o Santo Antônio se destaca na cidade por ao menos ousar o primeiro passo.

A educomunicação é uma trajetória que precisa ser trilhada por todas as instituições de ensino, públicas e privadas, para que ao falar desse assunto, torne-se possível apresentar resultados positivos desse trabalho, como já é concebível falar do estudante Bernardo Brasil, estudante do Colégio Santo Antônio, e vencedor por cinco nos do Trófeu Repórter Mirim⁵.

4. EDUCOMUNICAÇÃO PARA OUTROS?

⁵ Concurso realizado para jovens entre 6 e 17 anos pelo site jornalístico Acorda Cidade.

A mídia no Brasil é considerada um viés da comunicação informal. Todo educador que se atenta já percebeu que não dá para ignorá-la. Ainda assim, o termo educomunicação é novo e confuso para as pessoas. Na rede de ensino público de Feira de Santana, esse termo não chega a ser sequer discutido. Por diversos motivos, soa como uma possibilidade distante e inalcançável ao público dessas escolas.

Apesar disso, algumas escolas municipais tentam traçar educucomunicativos através das redes sociais. A Escola Municipal Chico Mendes (ECM) e a Escola Municipal Maria Antônia da Costa (EMMAC) buscam divulgar suas ações através das redes sociais, assim como, a própria Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana. Porém, não existe constância e/ou participação dos estudantes no processo de construção do material de divulgação.

A diretora da Escola Maria Antônia, Nelcilândia Figueiredo⁶, sinaliza que apesar das tentativas de construir uma veiculação cotidiana das ações realizadas pela escola, existe a dificuldade da falta de uma pessoa para se responsabilizar por isso e devido a demanda de funções, muitas vezes esse âmbito acaba sendo negligenciado.

A Escola que já teve um jornal impresso mensal veiculado internamente, busca divulgar projetos e dinâmicas estudantis, e percebe o interesse dos alunos. “Os nossos estudantes têm facilidade para a comunicação e essa é uma habilidade explorada pela escola. Temos um projeto intitulado Festival de Vídeo, que busca aproximá-los do audiovisual. A partir de um tema, eles estudam, gravam e editam suas produções para concorrer uns com os outros em prol de um prêmio.”, explica Inara Brandão, vice-diretora da EMMAC.

Apesar do potencial comunicativo dos alunos, a falta de recursos é um fator agravante para o avanço da educomunicação no especial. Seja a ausência de um profissional da área ou de materiais físicos que auxiliem a divulgação, há uma motivação para o distanciamento da comunicação e da escola.

“Eu acho o jornal nacional distante da nossa realidade. A rádio parece mais próxima, sempre que tem um problema aqui no bairro, uma mãe *solta* que vai *na* rádio denunciar”, afirma Luanna Campos, aluna do 9º ano na Escola.

⁶ Entrevista manuscrita e disponível nos apêndices.

O rádio e sua característica intimista produzem na população uma sensação de representatividade. Mas ainda assim, uma representatividade pela voz de terceiros. Eu não tenho voz, mas tenho alguém que fale por mim. A proposta da educomunicação é tirar esse interlocutor e tornar o jovem o protagonista. Dar voz e vez. Não mais depender de outro alguém. O rádio estar na escola, ser a escola, e assim educar uma futura sociedade que entende, produz e critica as informações veiculadas pela mídia.

A educomunicação pretende habilitar os cidadãos a exercerem seus direitos, principalmente aqueles que envolvem a liberdade de expressão e o acesso à informação, o que implica em, por meio de ações educativas, conscientizar as comunidades sobre o poder da articulação comunitária na sociedade e o papel da comunicação e do diálogo na construção de conhecimentos e na conquista de melhores condições de vida. (ALMEIDA, 2016, p.6)

Ampliar a qualidade do rádio de aproximação das classes mais pobres é tornar ele pertencente a essas classes. Construir um *ecossistema comunicativo*⁷, isso é uma rede de comunicação com o diálogo equilibrado e livre fluxo de opiniões e informações. A proposta é, portanto, a partir do estudo da situação atual, promover uma intervenção⁸ na Escola, através da instalação de uma rádio web: o pontapé inicial para a educomunicação na rede pública de ensino em Feira de Santana. Para assim, permitir que o público alvo dessas instituições assumam um lugar que já é seu por direito e produza materiais que agradem, exaltem e contraponham os estereótipos propostos à suas vivências.

Uma intervenção é um ato de educação social, que nesse caso, se fundamenta na escola e na mídia. A educomunicação persegue a vivência democrática plena e esse produto seria o resultado vivo dessa busca. “O sentido é o da realização de atividades, da proposta de alternativas inovadoras, da mediação, da oferta de referências libertadoras, que usualmente, por diferentes motivos, não são vislumbradas pelos membros de uma comunidade” (SOARES, 2011, p.49).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁷ Termo que surge do conceito de ecossistema ecológico, que apregoa que os sistemas na natureza são interdependentes e se interinfluenciam.

⁸ Proposta de intervenção disponível no apêndice B.

A educomunicação é uma novidade que vem sendo progressivamente aderida nas instituições de ensino no Brasil. Seja no ensino superior ou no ensino fundamental e médio, é uma realidade que está em construção. Só há graduação e pós-graduação na área na Universidade de São Paulo e iniciativas pontuais em escolas ousadas ao longo do nosso país. Ainda assim, é uma necessidade real e vigente.

Muito se discute sobre os malefícios da influência midiática na formação de crianças e jovens e a educomunicação surge para transformar o prejudicial em algo sadio. Unir comunicação e educação é completar as asas para alçar o vôo indispensável ao aluno e a escola. Trata-se de preparar o futuro cidadão para a vivência adulta e o pensamento crítico frente à mídia, é compilar o papel formador da escola e a influência poderosa da mídia, aproveitando as forças de ambos.

Através de rádio web, jornais impressos, matérias online, VTs curtos, ou qualquer meio de comunicação vigente, os alunos se sentem capazes e construtores de informação. E é esse o papel do educador, promover no aluno a afirmação de que ele é edificador social. Se é a comunicação o meio de força passível à isso, então é através dela que virá essa credibilidade.

Bento XVI dizia que “os jovens são o futuro da humanidade”, e esse futuro está sendo construído hoje, pelas mãos dos profissionais de comunicação e dos professores, pelas nossas mãos. Pelas ondas sonoras do rádio, os textos do *facebook*, os vídeos do *youtube*, as matérias do jornal... A convergência midiática agora converge com a educação e é dessa união, que deve surgir o futuro. O futuro da escola pública e da escola particular.

A proposta é espalhar o poder da comunicação nas mãos dos estudantes, formando-os produtores de notícias que importam às suas classes. A rádio é o meio selecionado para isso, pois faz parte de sua história revolucionar a comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7 EXPERIÊNCIAS EM QUE A RÁDIO VIRA EDUCAÇÃO. Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em:

<<http://educacaointegral.org.br/reportagens/7-experiencias-em-radio-vira-educacao/>>. Acesso em 24 fev.2018.

ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. Projetos de intervenção em educomunicação. Disponível em:

http://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as___reas_de_interven___o_da_educo/1.

Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. (2010) A Rádio na Escola: Uma Prática Educativa Eficaz. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Disponível em:

<http://www.bemtv.org.br/portal/educominicar/pdf/radionaescola.pdf> Acesso em 25 fev. 2018

CITELLI, A. (coord.). Outras linguagens na escola. Publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática. São Paulo: Cortez, 2000. CITELLI, A. (coord.). Aprender e ensinar com textos não escolares. São Paulo: Cortez, 2000b.

_____. Comunicação e Educação: aproximações. In BACCEGA, M. A. Gestão de processos comunicacionais. São Paulo: Atlas, 2002, p. 101-112.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

McLUHAN, M. Os meios de comunicação como extensões do homem.

(Understanding media). Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2002, 12 ed.

PORVIR. Disponível em: <<http://porvir.org/>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

RIBEIRO, Danilo Vaz. Projeto Sampa: Educomunicação para as Sensibilidades. Educomunicação e suas áreas de intervenção: os novos paradigmas para o diálogo intercultural. 2017, p. 805-811. Disponível em:

<https://issuu.com/abpeducom/docs/livro_educom_-_paginas_em_sequencia>.

Acesso em: 26 fev. 2018.

SARTORI, Ademilde. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. *Comunicação Mídia e Consumo*, v. 7, n. 19, p. 33-48, 2010.

SOARES, Donizete. Educomunicação – O que é isto? Gens, Instituto de Educação e Cultura, 2006. Disponível em www.portalgens.com.br . Acesso em fevereiro de 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In: *Revista Comunicação & Educação*, Salesiana: São Paulo, n. 23, jan./abr. 2002b, p. 16-25.

_____. Metodologia da educação para a comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, M. A. *Gestão de processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002, p.112-132.

_____. Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo, ECA/USP: Segmento, Ano VII, no. 19, p. 12- 24, set/dez. 2000.

_____.; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (Org.). *Educomunicação e suas áreas de intervenção: os novos paradigmas para o diálogo intercultural*. São Paulo: ABPEducom, 2017. 949 p. Disponível em: <https://issuu.com/abpeducom/docs/livro_educom_-_paginas_em_sequencia>. Acesso em: 26 fev. 2018.